

Contra a maré

SECOS

& MOLHADOS

Os otimistas da mídia chaparrana prognosticaram, para este ano, um déficit comercial de US\$ 10 bilhões no mínimo e de US\$ 12 bilhões no máximo. Quando? Em fevereiro. Na mesma época, os pessimistas da mídia coisa-preta não deixaram por menos: déficit gregoriano de US\$ 14 bilhões no mínimo ou de US\$ 16 bilhões, mui provavelmente.

□ Faltando apenas 32 dias úteis para o fechamento do ano, circula pela praça que o déficit comercial não passará, este ano, de US\$ 9 bilhões.

E com alguns analistas já projetando para o ano que vem um déficit abaixo de US\$ 5 bilhões. Claro, se o Saddam não botar fogo nas cotações do petróleo e se o El Niño não destroçar nossas lavouras de exportação. O certo é que fechamos o ano com aumento de 17% nas importações e de 11% nas exportações. Para 1998, o governo joga com aumento de 18% nas exportações e de 5% nas importações.



□ Análise ou torcida? O ministro Antônio Kandir aposta na maturação imediata das recentes medidas de estímulo às exportações e de desestímulo às importações. Entre estas últimas, a elevação de alíquotas e a desaceleração da economia. Hoje, na abertura do Enaex 97, o

encontro anual dos exportadores, no Rio de Janeiro, o governo pode acenar com novos mecanismos de promoção das vendas externas. Sem mexer na banda cambial, a intocável.

□ O ministro Antônio Kandir destaca a agilização dos créditos do BNDES na chamada equalização de juros nas operações de exportação. Por esse atalho, ele espera alavancar embarques de até US\$ 7 bilhões. A implantação do seguro de crédito às exportações (com pelo menos três décadas de atraso) é outra medida de impacto, diz o ministro. Na formação do lastro desse seguro devem entrar re-

ursos da venda de ações da Telebrás. Quem diria?

□ Antônio Kandir destaca igualmente os ganhos financeiros que a recente elevação dos juros passa a proporcionar aos exportadores na Antecipação dos Contratos de Câmbio (ACC). Trata-se de um subsídio cambial compensatório, na definição de Antônio Delfim Netto. Também os fornecedores de insumos à exportação ganham acesso facilitado ao crédito externo, mais barato, competindo com os insumos importados pelo regime "drawback".

□ A criação de um fundo de aval para exportadores de médio e pequeno porte é outro lance da guerra de conquista e ampliação do mercado externo. Antônio Kandir garante créditos de US\$ 2,8 bilhões, já estocados no BNDES. Falta incluir no esquema de crédito favorecido as exportações realizadas por intermédio das "trading companies", lembra Roberto Giannetti da Fonseca, diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil.

Valoração — Pelo prato das importações, a medida mais dura de contenção é a da implantação do sistema de valoração aduaneira: um tiro na nuca do subfaturamento. Ou da concorrência fraudulenta e predatória ao similar nacional.

Sem choque — O aumento da Tarifa Externa Comum (TEC), a do Mercosul, não deve ter impacto maior na redução das importações extrabloco. Haverá um custo adicional médio de 2,3%. Que pode ser absorvido pela margem de lucro do importador.

Asiáticos — Falta calcular os efeitos negativos da desvalorização das moedas asiáticas. Nas importações, os produtos da Ásia ficam mais baratos em dólar. Nas exportações, perdemos competitividade para os asiáticos em todo o mundo.

Indireto — Importadores queixam-se de novos complicadores administrativos nas compras externas. Trata-se de endurecimento proposital e não de emburrecimento burocrático.